



DOSSIÊ



UM OLHAR FUNCIONALISTA PARA O ADJETIVO EM FUNÇÃO DE ADJUNTO ADNOMINAL EM NOTÍCIAS E SUAS RESPECTIVAS MANCHETES*

ABRAÃO CLEBER SILVA NOLASCO**

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Espírito Santo, ES, Brasil.


Recebido em: 3 abr. 2022. Aprovado em: 2 ago. 2022.

Como citar este artigo: NOLASCO, A. C. S. Um olhar funcionalista para o adjetivo em função de adjunto adnominal em notícias e suas respectivas manchetes. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 3, p. 18-34, set./dez. 2022. doi: 10.5935/cadernosletras.v22n3p18-34

Resumo

Partindo das afirmações de gramáticas tradicionais de que o adjetivo, em função de adjunto adnominal, é um termo irrelevante e desnecessário para o sentido e entendimento do enunciado, propomos, neste artigo, a análise do comportamento funcional do adjetivo, como adjunto adnominal, em notícias de jornal *on-line* e suas respectivas manchetes. Para fundamentar nossa discussão, recorreremos aos pressupostos do Funcionalismo Linguístico e aos princípios da

* Neste trabalho, apresentamos parte de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada entre agosto de 2019 e julho de 2020.

** E-mail: abraaocnolasco@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-4140-985X>

iconicidade e informatividade. O estudo permitiu notar que o adjetivo, nessa função, é imprescindível à construção textual, visto que está relacionado ao propósito do enunciador e à situação comunicativa.

Palavras-chave

Adjetivo. Adjunto adnominal. Notícias.

PALAVRAS INICIAIS

O adjetivo é um elemento linguístico de suma importância para a interação verbal entre os falantes da língua portuguesa, podendo atribuir uma propriedade particular a um elemento designado por um substantivo (NEVES, 2018, p. 283). Além disso, é um dos recursos linguísticos a partir do qual os falantes podem direcionar a atenção de seu interlocutor em relação a determinado/a evento/entidade. Todavia, ao exercer a função sintática de adjunto adnominal, o adjetivo é considerado pelas gramáticas tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2001; BECHARA, 1999; ROCHA LIMA, 2001; LUFT, 2002) um termo acessório e irrelevante para a construção de significados na oração. Tal posição assumida por esses gramáticos tradicionais evidencia que, embora se refiram ao significado, eles apresentam um olhar basicamente estrutural sobre os fatos da língua, levando em conta apenas aspectos morfossintáticos em suas descrições.

Nesse contexto, ressaltamos que tais gramáticas tradicionais, ao abordarem o adjetivo e as demais classes de palavras, inclusive os aspectos sintáticos, limitam-se a uma descrição desvinculada da situação de interação linguística. Isso se reflete negativamente na maioria das aulas de Língua Portuguesa, visto que o ensino toma basicamente as regras e descrições da Gramática Tradicional, sem qualquer reflexão e/ou consideração sobre o uso que os falantes fazem da língua.

Para propor uma abordagem que não se limite a aspectos morfossintáticos sem qualquer referência ao uso da língua, mas que considere fatores semânticos, pragmáticos e discursivos, este trabalho teve como objetivo central analisar o uso do adjetivo, funcionando como adjunto adnominal, em notícias de jornais *on-line* e suas respectivas manchetes, e como objetivos específicos

interpretar os possíveis efeitos de sentido nas notícias e manchetes selecionadas e verificar se o adjetivo é realmente um termo irrelevante para a construção de sentido do texto e propósito do produtor das notícias.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que o adjetivo, ao exercer tal função sintática, apesar de ser considerado, pela tradição gramatical, um termo dispensável à oração, não pode ser retirado ou suprimido do texto, uma vez que não está relacionado apenas aos outros termos que compõem a oração, mas especialmente ao propósito do falante/enunciador e à situação de uso da língua.

Considerando que este estudo não se limita a aspectos estruturais da língua, fundamentamo-nos nos pressupostos do Funcionalismo Linguístico. Lançamos mão de dois princípios analíticos para nos auxiliar na análise do funcionamento do adjetivo: iconicidade e informatividade.

Metodologicamente, selecionamos 26 notícias e suas respectivas manchetes de diferentes jornais *on-line*. Feita a coleta das notícias, partimos para a identificação dos adjetivos que funcionavam como adjuntos nesses textos. Identificados esses adjetivos, a partir de nosso conhecimento de mundo e nossa capacidade intuitiva de falantes da língua portuguesa, buscamos mapear e interpretar os efeitos de sentido gerados pelo uso dos adjetivos selecionados e a sua relação com o propósito comunicativo do produtor das notícias. Em seguida, realizamos a exclusão dos adjetivos em posição de adjuntos, considerando o que afirmam as gramáticas tradicionais. Percebemos um grande prejuízo com essa retirada e buscamos explicar o uso desse elemento linguístico com base nos princípios funcionalistas mencionados (iconicidade e informatividade).

Com a análise, percebemos que o adjetivo, em função de adjunto adnominal, apesar de ser considerado pelas gramáticas tradicionais irrelevante para o sentido do enunciado, não pode ser retirado do texto, uma vez que acarretaria grande prejuízo para a comunicação e o propósito do produtor da notícia, o que ratificou a importância de se levarem em conta aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos na análise dos fenômenos linguísticos.

A CONCEPÇÃO TRADICIONAL DE ADJUNTO ADNOMINAL

Os termos da oração são divididos, nas gramáticas tradicionais, em três grupos: essenciais (sujeito e predicado), integrantes (complemento verbal,

complemento nominal e agente da passiva) e acessórios (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto). Estes últimos, dentre os quais estão os adjuntos adnominais, são tradicionalmente considerados elementos secundários e não essenciais ao entendimento do enunciado. Os termos acessórios “[...] se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí sua denominação” (CUNHA, CINTRA, 2001[1985], p. 149).

Vejam alguns exemplos de adjetivos como adjuntos adnominais apresentados por esses autores: “Na areia podemos fazer castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho”; “Tinha uma memória **prodígio**”. Nesses exemplos, temos que o adjetivo **soberbos** se adjunge ao substantivo **castelos**, o adjetivo **íntimo** se refere ao substantivo **sonho** e o adjetivo **prodígio**, ao substantivo **memória**. Todos os três adjetivos, como afirmam os gramáticos mencionados anteriormente, precisam o sentido do nome ao qual se adjungem. É importante ressaltarmos que o significado de cada enunciado não seria o mesmo se fossem retirados tais adjetivos. Por exemplo, ao se referir à memória, o produtor de tal enunciado não quis se remeter a qualquer coisa, mas a algo específico, usando, para isso, o adjetivo **prodígio**. Além disso, podemos até considerar uma certa subjetividade caracterizada pelo uso desse adjetivo, já que pode evidenciar a opinião do enunciador sobre a coisa que ele designa como **memória**. Por isso, é questionável considerar o adjetivo como adjunto adnominal como um termo dispensável para o sentido e entendimento do enunciado.

Bechara (1999, p. 449), por sua vez, assegura que os adjuntos adnominais, ao se referirem a uma expressão nominal, “têm por missão acrescer uma ideia acidental complementar ao significado [do] substantivo nuclear”. Listam-se alguns exemplos de adjetivos adjuntos retirados da gramática de Bechara: “Noites **claras** prenunciam **bom** tempo”; “Alguns **bons** momentos são inesquecíveis”. Salientamos a imprecisão notada nesse gramático ao considerar o adjunto adnominal como uma ideia acidental. O que seria uma ideia acidental? Uma ideia que não deveria ser codificada no texto, mas foi? Não acreditamos que o adjetivo que funciona como adjunto adnominal apenas acrescente uma ideia acidental, acreditamos, em uma primeira abordagem, que se ele figura em determinado texto é porque, por algum propósito comunicativo, o produtor do texto o colocou ali. Além disso, se retirarmos os adjetivos **claras** e **bom** do enunciado “Noites claras prenunciam bom tempo”, estes não fariam nenhum sentido. Como compreender “Noites prenunciam tempo”?

Rocha Lima (2001, p. 314), seguindo um pensamento semelhante, define o adjunto adnominal como um termo que pode se juntar a um núcleo substantivo para acrescentar um dado novo à significação. Destacamos alguns exemplos retirados da gramática de Rocha Lima: **lar feliz**, **cavalo de raça**, **o professor**, **minhas filhas**, **dois irmãos**. Observamos que, para Rocha Lima (1992, p. 254), o adjetivo em função de adjunto é um elemento opcional, ao considerar os adjuntos adnominais como termos que *podem* figurar na sentença, sendo assim permitida a sua retirada da oração sem que esta seja prejudicada, embora o próprio autor afirme que o adjunto adnominal acrescenta um dado novo à significação da oração.

Ainda na esteira tradicional, Luft (2002, p. 66) considera que os termos acessórios da oração, “não rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado, têm a (sub)função de determinar, qualificar e modificar outros termos”. Sobre os adjuntos adnominais, o autor destaca que, ao se referirem a outros termos, podem determinar, qualificar ou explicar, subdividindo-se em três classes: determinativos – [o/um] livro, [este] aluno, [nossos] colegas etc.; restritivos, qualitativos – o aluno [que escreve], o homem [trabalhador], uma casa [nova], os livros [do professor] etc.; e explicativos – Pedro, [que é inteligente], concordou; o aluno, [atento], compreendeu a explicação; a lua, [satélite da Terra], não tem luz própria etc. Nos exemplos apresentados, é possível observar que os adjetivos na função de adjuntos podem servir para restringir, qualificar ou explicar o substantivo ao qual se ligam. A partir do que Luft (2002) exhibe a respeito dos adjuntos adnominais, inferimos que ele leva em conta apenas a plenitude estrutural da oração, já que para ele a adjunção adnominal não é imprescindível para a sentença e para seu entendimento. No entanto, vale a pena ressaltar que considerar os adjuntos adnominais como irrelevantes para o entendimento do enunciado pode levar a equívocos, já que a eleição de tais elementos sintáticos é parte característica da significatividade da cláusula.

Notamos, a partir das afirmações dessas gramáticas, que o adjetivo, ao funcionar como adjunto adnominal, não contribui para a construção do sentido do enunciado, sendo sua presença irrelevante. Assim, percebemos que esses teóricos, ao tratarem os adjuntos adnominais, embora façam menção à significação, limitam-se a aspectos morfossintáticos, já que compreendemos que essas afirmações levam em conta a estrutura oracional. Todavia, ainda que tais gramáticos estejam levando a plenitude estrutural da oração, não deixam isso

claro e, inclusive, usam de maneira indiscriminada critérios sintáticos, semânticos e discursivos. Além disso, vemos o uso de exemplos descontextualizados, apresentados por meio de frases soltas e desconectadas dos textos dos quais foram retiradas, o que é muito problemático, já que não representam verdadeiramente a língua usada em situações reais de interação linguística.

Por um lado, compreendemos que tais gramáticos, ao fazerem afirmações acerca do adjunto adnominal, atentam-se somente à oração, independentemente do seu contexto pragmático, já que o propósito das gramáticas tradicionais se volta ao “bem falar” e “bem escrever”, sem, no entanto, considerar as intenções do falante e as diferentes situações comunicativas. Por outro lado, entendemos que seja problemático as aulas de língua portuguesa e também os livros didáticos se pautarem, comumente ou exclusivamente, no que é posto pelas gramáticas tradicionais, sem que se faça qualquer reflexão ou consideração sobre a língua em uso ou leve em conta as inúmeras pesquisas da área de Linguística que se dedicam, por exemplo, ao ensino de língua materna e, sobretudo, à gramática. Por conseguinte, esperamos que a nossa proposta neste artigo contribua para a ampliação da definição dos adjuntos adnominais e auxilie no avanço do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, que anda tão defasado.¹

O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

De modo sumário, o Funcionalismo Linguístico compreende a linguagem como um instrumento de interação social. Nesse viés, a língua deve ser estudada e analisada a partir do uso que seus usuários fazem dela em situações reais de interação linguística. Nessa concepção, uma análise linguística funcionalista volta a atenção para a língua em uso levando em conta aspectos de natureza sintática, semântica, pragmática, cognitiva e discursiva (GIVÓN, 1995; NEVES, 2018). Para tal abordagem, “é possível fazer com a linguagem e obter com a linguagem: exatidão ou inexatidão (quando essa for a intenção);

¹ Dado o espaço limitado deste artigo, não propomos uma análise aprofundada do ensino de gramática, nem buscamos propor uma proposta de ensino de adjetivos em função de adjunto adnominal, embora entendamos que isso seja extremamente relevante. Em Nolasco (2021), discutimos o ensino de gramática e apresentamos a análise de livro didático de Português, o que nos mostrou que ainda hoje o livro didático ainda se pauta nas considerações das gramáticas tradicionais.

elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc.” (NEVES, 2018, p. 23). Assim, compreende-se que, para cumprir seu propósito comunicativo, o usuário da língua usará a linguagem de uma maneira ou de outra a partir do aparato linguístico de que está munido.

Além disso, entende-se que “a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical” (MARTELOTTA, 2015, p. 63). Dessa maneira, defende-se a necessidade de se analisar os aspectos gramaticais de uma língua considerando o discurso, isto é, a língua usada em situações reais de comunicação, uma vez que há uma relação de simbiose entre discurso e gramática.

Opondo-se ao princípio de autonomia da língua, Givón (1995) defende que só é possível compreender a linguagem a partir da cognição e comunicação, processamento mental da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação linguísticas, aquisição e evolução. Sob essa perspectiva, a concepção funcionalista compreende que a linguagem é uma atividade sociocultural influenciada por princípios cognitivos e comunicativos, icônica e não arbitrária (GIVÓN, 1995). Trata-se, portanto, de uma perspectiva que não desvincula a língua nem do falante nem do contexto em que é usada.

Outro fator que caracteriza os estudos linguísticos funcionalistas é a negação da centralidade da sintaxe e a defesa da dependência desta da pragmática, já que, juntamente à semântica, a sintaxe deve ser estudada dentro da moldura da pragmática. Assim, como aponta Castilho (2010, p. 65), o Funcionalismo elege “o discurso e a semântica como componentes centrais de uma língua e seu ponto de partida, considerando-se a gramática como seu ponto de chegada”. Nesse sentido, uma gramática funcional descreve a língua considerando não apenas fatores morfossintáticos, mas também semânticos, pragmáticos e discursivos. Portanto, como propõem Martelotta e Kenedy (2015, p. 16), “a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso”.

Para os funcionalistas que consideram a ideia de não arbitrariedade da sintaxe, a iconicidade é um conceito muito caro. Esta é um princípio funcionalista que diz respeito à motivação existente entre forma e significado, ou seja, é “a correlação entre forma e função” (GIVÓN, 1995, p. 35). Exemplificando esse princípio, Martelotta e Kenedy (2015, p. 19) pontuam que, quando narramos sequências de ações, não ordenamos as cláusulas arbitrariamente, mas de acordo com a ordem em que elas ocorreram, e citam como exemplo o seguinte

enunciado: “Cheguei em casa, tomei um banho e fui dormir”. Os estudiosos acrescentam que a iconicidade pode também explicar aspectos relacionados à extensão da sentença,

[...] assim como à ordenação e à proximidade dos elementos linguísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 19).

A iconicidade, de acordo com Givón (1995), subdivide-se em três subprincípios: a) quantidade – quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa; b) proximidade – os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação; o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto; c) ordenação linear – a informação mais importante ou mais acessível tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado tem a ver com a relação entre a importância ou acessibilidade da informação veiculada pelo elemento linguístico e sua colocação na oração. A iconicidade, como afirmam Furtado da Cunha e Bispo (2016, p. 63), “é estimulada por questões de clareza e transparência, de modo a reduzir a opacidade entre forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático”.

A informatividade (GIVÓN, 2001), por sua vez, está relacionada

[...] com o conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal. Em função desse conhecimento (supostamente compartilhado), o locutor não apenas procura dosar o conteúdo informacional para seu interlocutor, mas também se esforça em monitorar/orientar o ponto de vista deste, visando atingir determinado(s) objetivo(s). Para isso, conta tanto com o aparato linguístico (léxico-gramatical), em suas múltiplas possibilidades de organização e codificação textual, quanto com recursos extralinguísticos (gestos, expressões, dados do contexto interacional) (GIVÓN, 2001 *apud* FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2016, p. 65).

Podemos explicar a atuação desse princípio quando o produtor de uma propaganda, por exemplo, lança mão de recursos linguísticos para valorizar o produto comercializado em determinada rede comercial ou enaltecer o próprio estabelecimento (SANTOS; ROCHA, 2018).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo da concepção tradicional de que o adjunto adnominal, uma das funções sintáticas que o adjetivo pode exercer na oração, é um termo dispensável ao entendimento do enunciado, buscamos, neste trabalho, verificar se realmente o adjetivo, como adjunto adnominal, é um elemento irrelevante para a interação verbal. A hipótese sustentada neste estudo é a de que tal item lexical, ao figurar na oração como adjunto de um substantivo – embora considerado pelas gramáticas tradicionais supracitadas como um termo dispensável à oração –, não pode ser retirado ou suprimido do texto, uma vez que não está relacionado apenas aos outros termos que compõem a oração, mas também ao propósito do enunciador e à situação comunicativa.

Para tanto, procedemos à análise do funcionamento do adjetivo a partir de notícias de jornais *on-line* e suas respectivas manchetes. Desse modo, selecionamos 26 notícias e suas respectivas manchetes em quatro veículos de informação *on-line*, a saber: 23 do portal *G1*, uma da *Revista Fórum*, uma do *Jornal Extra* e uma do *Folha Vitória*. Em contraposição à maneira como a gramática tradicional trata a língua, esta investigação levou em consideração aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos.

Para elucidar o que foi encontrado, desenvolvemos uma tabela que resume a quantidade de adjetivos que funcionam como adjuntos adnominais nas notícias e manchetes selecionadas:

Tabela 1 – Quantidade de adjetivos coletados

	Jornais e revistas <i>on-line</i>			
	<i>G1</i>	<i>Revista Fórum</i>	<i>Extra</i>	<i>Folha Vitória</i>
Adjetivos na função de adjunto adnominal	155	10	7	7

Fonte: Elaborada pelo autor.

Feita a coleta dessas notícias e suas manchetes, buscaremos identificar os adjetivos que funcionavam como adjunto adnominais no texto, isto é, aqueles que eram colocados ao lado de um substantivo. Em seguida, a partir do nosso conhecimento de mundo e nossa capacidade intuitiva de falantes da Língua Portuguesa, mapearemos e interpretaremos os efeitos de sentido gerados pelo

uso dos adjetivos selecionados e a sua relação com o propósito comunicativo do produtor da notícia.

Realizaremos, então, a retirada dos adjetivos, em função de adjunto adnominal, considerando a afirmação de que tal elemento é prescindível ao entendimento do texto, como colocam as gramáticas tradicionais, a fim de verificar se o efeito de sentido pretendido e o propósito comunicativo ficariam prejudicados. Considerando o grande prejuízo provocado pela retirada de tal elemento linguístico, buscamos fundamentar o uso deste com base nos princípios funcionalistas iconicidade e informatividade.

ANÁLISE E ALGUNS RESULTADOS²

Para analisar o papel do adjetivo, em função de adjunto adnominal, na língua efetivamente usada em contextos reais de comunicação, selecionamos 26 notícias e suas respectivas manchetes³ em quatro veículos de informação *on-line*. Foram encontradas, ao todo, 179 ocorrências de adjetivos em função de adjunto adnominal.

Ressaltamos que, com base em Park (1923, p. 278 *apud* MAROCCO; BERGER, 2006), “a notícia se esforça para capturar a mente do público e dirigir a sua atenção para determinados acontecimentos relacionados com o insólito e o inesperado”. Ademais, sobre a prática jornalística, Brittos e Gastaldo (2006, p. 127) propõem que

[...] o jornalismo é uma dinâmica de construção de realidades, com maior ou menor relação com os fatos sucedidos nos campos político, econômico, esportivo e demais. Este processo de transformação dos fatos sociais em fatos jornalísticos envolve toda uma técnica que, como tudo, não é neutra, ou seja, envolve seleções, cortes, descartes, inversões, relações e desconexões, dentre outras medidas.

Nesse sentido, é possível compreender que a notícia é, de modo geral, um gênero textual objetivo, no entanto, não é neutro, já que, ao produzirem textos,

2 Por uma questão de limite estrutural deste texto, optamos por apresentar apenas algumas análises do uso do adjetivo, em função de adjunto adnominal, feitas em notícias e manchetes que compuseram o *corpus* da pesquisa.

3 Neste artigo, tomamos a manchete como uma parte composicional do gênero notícia.

os falantes estão sempre praticando ações, portanto, atos de fala (BENTES, 2012, p. 270). De igual modo, como apontam Fiorin e Savioli (2003, p. 254),

[...] o relato manipulado pelo escritor pode levar o leitor a deduções positivas ou negativas sobre o que leu. Não se pode ignorar o fato de que o próprio ato de informar pode ser manipulado em função da defesa de interesses específicos e da visão de mundo de quem escreve.

Compreende-se, também, que, no gênero em questão, o produtor não busca apresentar a sua opinião de maneira explícita, todavia, a maneira como ele constrói o texto, a escolha das palavras e os dados selecionados e apresentados revelam muito sobre o enunciador e o seu ponto de vista ideológico, além de contribuir para que determinados efeitos de sentido sejam gerados no leitor.

Na análise das notícias jornalísticas e das suas respectivas manchetes, foi possível observar que, apesar de os gramáticos tradicionais afirmarem que o adjetivo como adjunto adnominal é um termo dispensável ao entendimento do enunciado, a retirada desse elemento linguístico das manchetes e das notícias provoca alterações significativas. Considerar um adjetivo, que é um elemento linguístico que, muitas vezes, marca a opinião do produtor do texto, por exemplo, como um elemento dispensável para o texto significa que os aspectos pragmático e discursivo são deixados de lado por tais gramáticas, o que vai na contramão do que defendemos neste trabalho. Além disso, acreditamos que o sentido não emerge sem essa base pragmático-discursiva, já que é na língua em uso, a qual associa aspectos sintático-semânticos e pragmático-discursivos, que observamos a grande importância dos adjetivos.

Dito isso, a seguir, serão expostas três propostas de análise do adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Texto 1

Enfermeiro aposentado morre após ser atropelado por jovem embriagado em Vila Velha

A vítima deixou três filhos. No momento do acidente, ele estava indo pescar, como gostava de fazer nos momentos de lazer [...]

Folha Vitória (30.09.2019)

Observando os adjetivos em função de adjunto adnominal nessa manchete, percebemos que os adjetivos sublinhados no texto cumprem o papel de

restringir o substantivo ao qual se referem, caracterizando, assim, esse nome. Em “Enfermeiro aposentado”, por exemplo, o adjetivo “aposentado”, funcionando como adjunto adnominal, delimita o sentido do substantivo “enfermeiro”, informando ao leitor que não se trata de qualquer enfermeiro, mas de um indivíduo com uma característica específica. Sem a presença desse adjetivo, o interlocutor poderia pensar que a pessoa designada estivesse exercendo ainda a função.

Além de “aposentado”, há o adjetivo “embriagado”, que funciona como adjunto adnominal do substantivo “jovem”. Notamos que esse elemento linguístico cumpre o papel de restringir o sentido do substantivo ao qual se adjunge, já que não se trata de qualquer jovem que atropelou o enfermeiro. Desse modo, ao funcionar como adjunto adnominal, esse adjetivo contribui com a compreensão do leitor, já que é um elemento necessário à clareza e precisão desse gênero textual.

Percebemos também que é estabelecido um contraste no uso desses dois adjetivos, pois, enquanto “aposentado” remete a uma característica relacionada, na maioria das vezes, a alguém idoso, o adjetivo “embriagado” caracteriza explicitamente um indivíduo jovem. Ademais, “aposentado” refere-se a alguém que trabalhou por longos anos, localizando esse indivíduo numa certa classe, que, de certo modo, apresenta características positivas. “Embriagado” remete a uma situação negativa e ilegal, uma vez que dirigir sob o efeito de álcool é crime.

Portanto, como esses adjetivos, exercendo a função aqui discutida, apresentam informações necessárias e relevantes ao leitor – cumprindo, assim, o importante papel de agregar à manchete e à notícia clareza e precisão –, identificou-se a ocorrência do subprincípio icônico da quantidade, proposto por Givón (1995), de que quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma linguística para codificá-la. Desse modo, a presença desses adjetivos adjuntos contribui para melhor situar a cena discursiva, dado que, sem tais informações codificadas por tais itens lexicais, a compreensão dessa notícia seria diferente. Isso nos mostra que se deve repensar a noção de que o adjetivo que funciona como adjunto é um termo acessório, e, portanto, dispensável do enunciado, visto que o papel exercido por tal elemento linguístico vai além de um aspecto meramente sintático, evidenciando que, sob o critério pragmático-discursivo, ele tem grande relevância na língua usada em interações sociais reais.

Outrossim, além de colaborarem para que a notícia seja clara e precisa, observou-se que alguns adjetivos contribuem para que determinado efeito de sentido seja gerado no leitor, o que torna esses elementos essenciais para que o produtor atinja o seu propósito comunicativo. Observa-se isso na manchete a seguir.

Texto 2

Motorista bêbado e sem carteira atropela duas crianças em São Mateus, diz polícia no ES

Condutor foi autuado em flagrante por lesão corporal culposa na direção de veículo, embriaguez ao volante, e por ter fugido do local do acidente. Crianças foram socorridas. [...]

G1 ES (10.12.2019)

O adjetivo “bêbado”, em “Motorista bêbado e sem carteira”, além de contribuir para caracterizar o motorista, apresenta a provável causa da ação por ele praticada, indicando, ainda, um alerta sobre o comportamento negativo desse indivíduo. Isso também pode gerar certa indignação (ou revolta, ou reflexão) no leitor, na medida em que é possível que este enxergue o fato de dirigir sob efeito de álcool uma atitude irresponsável e imprudente. Sendo assim, tal elemento linguístico reforça a ideia de responsabilização⁴ e culpabilização do motorista.

Considerando o que inferimos quanto aos efeitos de sentido gerados pelo uso do adjetivo em função de adjunto adnominal, podemos justificar a indispensabilidade desses elementos nessa manchete com base no princípio de informatividade, uma vez que “o locutor não apenas procura dosar o conteúdo informacional para seu interlocutor, mas também se esforça em monitorar/orientar o ponto de vista deste, visando atingir determinado(s) objetivo(s)” (GIVÓN, 2001), ou seja, com o intuito de culpabilizar e responsabilizar o motorista e gerar certa indignação no leitor, o produtor da notícia lança mão de tais itens linguísticos.

4 Embora neste artigo não focalizemos as locuções adjetivas, notamos que “sem carteira” contribui para que o motorista seja responsabilizado pelo acidente, já que apresenta a informação de que esse motorista não tinha habilidade necessária (ou permissão) para estar conduzindo o veículo.

Texto 3

Mulher morre queimada após retirar neto autista de casa tomada por chamas

Imóvel foi destruído por incêndio na manhã desta quinta-feira (4), em
Campo Mourão, no centro-oeste do Paraná.

G1 Norte e Noroeste (04.07.2019)

A partir da presença do adjetivo “autista”, na manchete desta notícia, verificamos que, além de caracterizar o substantivo “neto”, esse item linguístico enfatiza o heroísmo atribuído à mulher e explica a sua atitude, uma vez que, provavelmente, o ser designado pelo substantivo “neto” não teria condições de sair da casa sem ajuda. Trata-se de um recurso importante para que a atenção do leitor seja guiada, fazendo com que ele tire conclusões a respeito do acontecimento. Notamos também que a exclusão do adjetivo do enunciado, como afirmam as gramáticas tradicionais, afetaria o sentido do texto, não gerando o mesmo efeito no leitor.

O uso desse adjetivo pode ser justificado com base no princípio da informatividade, já que o produtor tem o intuito de direcionar a atenção do leitor em relação ao ato de heroísmo da mulher. Além desse princípio, notamos também a ocorrência do subprincípio icônico da quantidade, visto que, para ressaltar o ato heroico da mulher, o produtor utiliza o adjetivo “autista”, uma informação considerada relevante para o produtor da notícia. Assim, o que se encontra ao analisar a língua usada em situações reais de comunicação vai na direção contrária do que é considerado pela tradição gramatical. Do ponto de vista comunicativo, o adjetivo que funciona como adjunto adnominal é tão relevante quanto os outros elementos linguísticos que constroem a manchete dessa notícia.

A análise do uso dos adjetivos, na função de adjuntos adnominais, nas manchetes analisadas permite perceber que tais elementos são imprescindíveis para o texto, na medida em que cumprem o papel de restringir o sentido dos substantivos aos quais se referem; também apresentam informações necessárias ao leitor, cumprindo o importante papel de agregar ao texto clareza e precisão; contribuem para situar melhor a cena discursiva; e favorecem a geração de determinado efeito de sentido pretendido pelo produtor, assim como, em alguns casos, influenciam a opinião do leitor em relação ao fato noticiado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, objetivamos analisar as ocorrências do adjetivo em função de adjunto adnominal em manchetes e notícias de jornais *on-line*, a fim de interpretar os possíveis efeitos de sentido nas notícias e manchetes selecionadas e verificar se o adjetivo é realmente um termo irrelevante para a construção de sentido do texto e propósito do produtor das notícias, como afirmam as gramáticas tradicionais.

Apesar de a tradição gramatical considerar o adjetivo adjunto como sendo um termo acessório, ou seja, irrelevante para o entendimento da oração, nesta pesquisa, foi considerada a língua usada em situações reais de comunicação, demonstrando que o adjetivo como adjunto adnominal é imprescindível para a construção dos sentidos dos textos, uma vez que, para atingir seu propósito comunicativo e gerar determinados efeitos de sentido sobre o leitor, o produtor faz uso desse item lexical.

Nessa perspectiva, confirmou-se a hipótese de que o adjetivo na função de adjunto adnominal, apesar de ser considerado, tradicionalmente, como sendo um termo dispensável à oração, não pode ser retirado ou suprimido do texto, visto que não está relacionado apenas aos outros termos que compõem a oração, mas também ao propósito do usuário da língua.

Nesse sentido, é ratificada também a importância de se analisar a língua considerando toda a situação comunicativa e não frases soltas e desconectadas do texto do qual foram retiradas, levando em conta não apenas critérios morfossintáticos, mas também semânticos, pragmáticos e discursivos, pois, fazendo isso, não serão cometidos equívocos como afirmar que o adjetivo adjunto não é importante e pode ser excluído da oração.

A functionalist view of the adjective in the function of adnominal adjunct in news stories and their respective headlines

Abstract

Starting from the claims of traditional grammar that the adjective, in the function of adnominal adjunct, is an irrelevant and unnecessary term for the meaning

and understanding of the utterance, we propose, in this article, the analysis of the functional behavior of the adjective, as an adnominal adjunct, in online newspaper news and their respective headlines. To support this discussion, we resort to the assumptions of Linguistic Functionalism and the principles of iconicity and information structure. The study showed us that the adjective, in this function, is essential to the textual construction since it relates to the purpose of the enunciation and the communicative situation.

Keywords

Adjective. Adnominal adjunct. News.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1.
- BRITTOS, V. C.; GASTALDO, E. Mídia, poder e controle social. *Revista Alceu*, v. 7, n. 13, p. 121-133, jul./dez. 2006. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Brittos%20e%20Gastaldo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. New York: Academic Press, 1995. v. 1.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MAROCCO, B.; BERGER, C. A notícia como forma de controle social. *Revista Contracampo*, v. 14, p. 7-18, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17414>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 43-70.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 157-176.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NOLASCO, A. C. S. Adjetivo, como adjunto adnominal, em um livro didático de Português. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 8, p. 208-228, 2021. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/3847>. Acesso em: 5 out. 2022.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SANTOS, D. R. S. dos; ROCHA, L. H. P. da. O funcionamento dos elementos adverbiais no gênero textual propaganda. *Signótica*, v. 30, n. 4, p. 547-573, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/51284>. Acesso em: 3 mar. 2022.